



CURRÍCULO, FORMAÇÃO E TRABALHO DOCENTE:- SUBJETIVAÇÃO NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DOS ANOS INICIAS

Aloana de Oliveira Pereira

Faculdade de Educação da Baixada Fluminense-Universidade do Estado do Rio de Janeiro

aloana_oliveira@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho busca refletir sobre os sentidos de currículo articulados nos discursos em defesa dos processos de subjetivação dos professores que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental. Há um “consenso conflituoso” no campo de atuação devido aos diversos tipos de formações vinculado às mesmas habilitações. Por isso, destaco minhas pretensões em analisar as políticas curriculares que norteiam os discursos da formação de professores em nível médio e superior. Contribuo com algumas possibilidades de pensar a formação rompendo com os fundamentos que orientam a naturalização/simplificação dos processos formativos. Tornamo-nos sujeitos identitários processualmente e na constante relação dos discursos que, por sua vez, se constituem nas relações sociais, permitindo investigar os mecanismos em que os sentidos são produzidos. Considerando o currículo como uma construção de sentido e sua ênfase dada como um discurso, permite conhecer e enfatizar as subjetividades neles existentes, transformando-os em múltiplos. Desse modo, ao abordar sobre as políticas educacionais curriculares, haverá sempre um grupo hegemônico na busca de sua configuração, e estas disputas têm fornecido mudanças à educação, pois se faz necessário no mínimo a oferta de modificações no currículo que, de alguma forma, se caracterizam como importantes.

Palavras-chave: Currículo, Subjetivação, Formação de Professores.

INTRODUÇÃO

A preocupação deste estudo é apresentar uma discussão sobre os processos de subjetivação na formação docente, as concepções de currículo existentes na formação dos professores e apontar os dilemas e contradições que circundam no plano formativo dos professores dos anos iniciais.

A presente pesquisa, ainda em andamento, tem por objetivos analisar as diretrizes curriculares em que se baseiam as instituições que formam estes profissionais, motivada através do perfil dos sujeitos que visam formar, além de investigar como os diferentes



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

atores estão percebendo os conflitos existentes na busca de efetivação de sua ação pedagógica.

É possível, identificar nestas propostas, um caráter estruturalista, em que visam formar profissionais com base em polaridades e contradições. Contudo, neste trabalho, haverá uma preocupação em identificar os fatores que podem aproximar estes profissionais no que tange a sua individualização, isto é, os que tornam únicos para atuarem nos anos iniciais, independente do que os distanciam (a própria formação). Por isso, os profissionais não devem ser apenas comparados em seu grau de formação, mas como eles atuam e de que forma a continuidade na produção de conhecimento pode contribuir para sua prática.

Tal estudo tem relevância na constante disputa pela hegemonização em que se encontram as instituições e suas múltiplas transformações sociais e concepção de currículo existente. Isso incide sobre o perfil do profissional que se pretende formar.

OS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO DOS PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS

As políticas públicas destinadas à formação dos professores dos anos iniciais – assim como toda educação básica – tem apresentado forte inclinação para as teorias de cunho estrutural, buscando fechar as identidades dos profissionais de educação. De acordo com Lopes e Macedo (2011), tal teoria entende que a “linguagem é um sistema de signos, compostos por significante (som ou palavra) e significado (seu conceito) que guardam, entre si, uma relação arbitrária (2011, p. 39)”. Essa arbitrariedade assume a relação de interdependência dos significantes, desse modo, um professor dos anos iniciais do ensino fundamental só pode ser caracterizado como tal porque existem os professores dos anos finais do ensino fundamental, por exemplo.

Contrapondo ao que chamamos anteriormente de teoria estruturalista, cujas associações se dão em torno de binarismos e polarizações. Há, portanto, a proposição de uma nova perspectiva, a discursiva. Com cunho pós-estrutural, a teoria tem como ênfase os discursos imbricados nas disputas por sua hegemonização. A Teoria do Discurso tem como precursores Laclau e Mouffe, os quais ajudarão na compreensão dos processos de identificação dos professores dos anos iniciais.

A afirmação da centralidade da educação escolar nas transformações sociais, indica, também, uma responsabilização da profissão docente. Assim, todos os processos que



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

envolvem o ensino e a aprendizagem, e os fatores sociais posteriores, incidem sobre o professor o caráter central de todo o processo formativo.

Na tentativa ilusória de tentar representar a partir de um único documento o que deveria ser ensinado na formação de professores, os currículos que formam professores para atuarem nos anos iniciais, por vezes, desconsideram os saberes particulares. Em uma análise anterior sobre a Base Nacional Comum Curricular, pude concluir que a “educação como prática de significação produz subjetividade, [...] não consegue abarcar todos os saberes e, acaba por excluir outros” (PEREIRA, 2016, p. 1323). Da mesma forma, os currículos que formam professores são a referência para o caminho dado a eles. Sempre haverá conhecimentos enaltecidos em detrimento de outros, mas isso não significa que precisam ser necessariamente os mesmos para todos os professores. Existem demandas diferenciadas trazidas pelos próprios professores em formação, isso é o que dirá quais conhecimentos podem ser abarcados.

Venho percebendo também um “confronto interno¹” no campo de atuação devido aos diversos tipos de formações vinculado as mesmas habilitações. Por isso, destaco minhas pretensões em analisar o currículo do Pedagogo e suas implicações com demais formações – Normal e Normal Superior – que detém as mesmas habilitações.]De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN (Lei nº. 9394/96),

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal (art. 60).

Deste modo, a lei referida acabou apresentando mais de um caminho para atuação do professor na educação básica. Isso tem gerado distanciamentos na formação dos profissionais e aproximações entre as áreas em que atuam. Acompanhando de perto todo esse movimento², pensei que tratar diretamente da temática do currículo que forma estes

¹ Confronto no sentido de busca pela hegemonização de sua demanda, vista que este pode ser exercido por profissionais com formações diversas e em diferentes modalidades e níveis de ensino.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

profissionais seria interessante, em razão de repensar minha prática de um prisma político e possibilitar possíveis reflexões. O mais importante é contribuir com outras possibilidades de pensar a formação rompendo com os fundamentos que orientam a naturalização/simplificação dos processos formativos.

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, a formação do Pedagogo se amplia.

As Diretrizes Curriculares para o curso de Pedagogia aplicam-se à formação inicial para o exercício da docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, e em cursos de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar, bem como em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos (BRASIL, 2006).

Reconhecendo a importância dos profissionais que atuam com as crianças do ensino fundamental do primeiro segmento, principalmente pelo seu papel de ensino, este artigo buscará contribuir reflexões acerca dos discursos abarcados nas diretrizes que orientam as instituições. Partindo da premissa de que “numa perspectiva discursiva, nenhum conhecimento representa de forma plena e transparente a realidade. São todas tentativas de articulação de sentidos que, incessantemente, disputam o poder de fixar determinadas significações para se tornar hegemônico.” (PEREIRA e OLIVEIRA, 2014).

A SUBJETIVAÇÃO DOS PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS

Pensar na individualização dos sujeitos ao mesmo tempo em que se tenta entender suas formas de organização e aproximação por área de trabalho não é fácil. Buscando compreender esses processos de identificação, Hall (2006) propõe cinco descentramentos em que mostram os deslocamentos do sujeito moderno.

O primeiro descentramento proposto por Stuart Hall refere-se a concepção de homem por Marx. O autor afirma que Marx trouxe uma definição essencialista de homem, um ser universal ao invés de uma noção abstrata de homem. Com isso, é o mesmo que definir a *priori* que todos os professores serão formados da mesma maneira e, por terem a mesma

² Pude acompanhar de perto na minha atuação e na relação com minhas colegas de trabalho e por ter perpassado por todas essas formações: magistério na modalidade normal e em nível superior.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

formação, terão a mesma identidade. Tal avaliação foi criticada por alguns teóricos, reconhecido pelo próprio autor.

O próximo descentramento refere-se à descoberta psicanalítica do inconsciente por Freud. Para Freud o eu é um inteiro, é um eu unificado, e é formada na relação social. Assim, a “subjetividade é o produto de processos psíquicos inconscientes” (HALL, 2006, p. 37). Isso reflete que é através das relações um com os outros é que os sujeitos se autodefinem, não há definição pré-estabelecida do “ser professor”, há intensas trocas e aprendizados. São constantes negociações psíquicas entre o que eu penso sobre o real (fantasias) e o meu eu interior. Mas,

[...] embora o sujeito esteja sempre partido ou dividido, ele vivencia sua própria identidade como se ela estivesse reunida e “resolvida”, ou unificada [...] Essa, de acordo com esse tipo de pensamento psicanalítico, é a origem contraditória da “identidade” (HALL, 2006, p. 38).

Hall propõe como ideia os processos de identificação, pois estes não se dão de forma acabada e unificada, esses processos indicam continuidade, infinidade de negociações de sentidos. Não há plenitude ou fixidez dos sentidos. Eles são re(negociados) através dos “eu(s)” que nos tornamos a cada instante.

Assim como no deslocamento anterior, Hall também encontrou na lingüística de Saussure condições para entender a identidade do sujeito. Hall diz que a língua é um sistema social, e não individual. Os significados são os múltiplos possíveis e estão interligados a nossa cultura. “O significado é inerentemente instável: ele procura o fechamento (a identidade), mas ele é constantemente perturbado (pela diferença)” (HALL, 2006, p. 41).

No quarto e mais importante descentramento, Hall destaca o “poder disciplinar” de Foucault. Nele o autor enfatiza que as instituições na modernidade individualiza o sujeito quando, em suas atividade envolvem cada vez mais o corpo. O que aparentemente é contraditório, faz todo sentido quando o autor que “quanto mais coletiva e organizada a natureza das instituições da modernidade tardia, maior o isolamento, a vigilância e a individualização do sujeito individual” (HALL, 2006, p. 43).

Por fim, Hall sinaliza a luta do feminismo como importante fator para repensar as identidades sociais em diversos grupos, bem como os papéis sociais em que representam em diferentes momentos: pai/mãe, homem/mulher, filho/filha. Além disso, abarcava diferentes movimentos de lutas. Para Hall, isso possibilitou a politização das subjetividades, questionou os binarismos e tornou o pessoal político.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Logo, é possível perceber que os diferentes sujeitos são agrupados por alguma identificação, mas essa mesma identificação pode ser alterada, negociada. Não é – nem nunca será – possível fechar qualquer identidade aos professores dos anos iniciais ou qualquer outro segmento. Sua identidade é subjetiva, é contínua, é processual. O que vemos, com as novas diretrizes curriculares, é a tentativa de fechamento da identidade destes profissionais, é a universalização de um particular que, na tentativa de representar algumas demandas, acabam-se por se tornar hegemônico, e portanto, utilizado como maior referência para a formação destes profissionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pereira, ao recorrer a Laclau (2011 apud 2013), destaca que discurso se constitui nas relações sociais, permitindo investigar os mecanismos em que os sentidos são produzidos. Lopes e Macedo (2011), ainda nesta busca pela definição de currículo, destacam-no como uma construção de sentido. A ênfase dada no currículo como um discurso, permite conhecer e enfatizar as subjetividades neles existentes, transformando-os em múltiplos.

Cabe-nos refletir até que ponto os conhecimentos hierarquizados são tratados nos currículos. Pretende-se, ainda, acompanhar os impactos dessa hegemonia não apenas na instituição em si, mas também através de seus atores sociais e dos sentimentos sociais que perpassam por essas formações.

Os processos de identificação são abordados, pois as instituições destinam-se a formar professores para atuar no mesmo segmento de ensino: anos iniciais do ensino fundamental. Todavia, são graus de estudos diferentes (ainda que complementares), fazendo com que o próprio processo de formação dê-se em disputas.

Segundo Pereira (2013):

[...] é possível afirmar que uma mesma lógica sustenta perspectivas teóricas e políticas diferenciadas, produzindo sentidos diferenciados, mas essa produção se ancora em expectativas sobre a escola fortemente arraigadas socialmente. A disputa pela hegemonização de sentidos se dá nesse campo discursivo e tem possibilitado a formulação/ disseminação de propostas de reestruturação importantes nas escolas.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Desse modo, ao abordar sobre as políticas educacionais curriculares, a autora marca que haverá sempre um grupo hegemônico na busca de sua configuração, e estas disputas têm fornecido mudanças a educação, pois para estar no topo da hierarquização, faz-se necessário no mínimo a oferta de modificações no currículo que, de alguma forma, se caracterizam como importantes. Dessarte, esta pesquisa tem como propósito inclusive, estar a serviço da população para consultas acadêmicas e políticas para reestruturações significativas no currículo destinado aos professores da educação básica para os anos iniciais.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL, Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006. **Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura.** Diário Oficial da União, Brasília, 16 maio 2006

_____. Resolução CNE/CP nº 1, de 18 de fevereiro de 2002. **Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.** Diário Oficial da União, Brasília, 09 abr. 2002.

_____. Resolução CNE/CP nº 2, de 19 de fevereiro de 2002. **Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior.** *Diário Oficial da União*, Brasília, 04 mar. 2002.

DIAS, Rosanne Evangelista. Produção de políticas curriculares para a formação de professores. In: Lopes et al (orgs.). **Políticas educativas e dinâmicas curriculares no Brasil e em Portugal.** Petrópolis: DP et Alii; Rio de Janeiro: Faperj, 2008, pp. 215-232.

HALL, Stuart. A Identidade em questão. In **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade;** tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11.ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Nascimento e Morte do Sujeito Moderno. In **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade;** tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11.ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

LACLAU, Ernesto e MOUFFE, Chantal. **Pós-marxismo sem pedido de desculpas**. In: LOPES, Alice Casemiro; MENDONCA, Daniel de. **A teoria do discurso de Ernesto Laclau: ensaios críticos e entrevistas**. São Paulo: Annablume, 2015, p. 35- 72.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. **Teorias de Currículo**. Sao Paulo: Ed. Cortez, 2011.

PEREIRA, Talita Vidal. **A hegemonização do saber científico e o projeto educacional da modernidade**. *Pensamento Plural*, Pelotas [06]: 123 - 145, janeiro/junho 2010.

_____. **Inovação e Gerenciamento nas Propostas de Formação Docente**. *Revista e-Curriculum*, São Paulo, n.11 v.02 ago.2013.